

*Uma aliança pela pátria: relação entre política expansionista fascista e italianidade na comunidade italiana do Rio Grande do Sul**

LUIS FERNANDO BENEDEZI
Università Ca'Focari di Venezia
Universidade Luterana do Brasil

Resumo: Na década de 1930, associam-se dois fenômenos que envolvem as comunidades italianas no exterior. Por um lado, observa-se uma forte política fascista de reaproximação dessas comunidades à Itália, em sua veste “fascitizada”. Por outro, denota-se um processo de ascensão social dos imigrantes italianos e de seus descendentes que traz consigo a busca de uma re-elaboração da experiência imigratória, com a produção de uma narrativa épica do fenômeno de expatriação. Em uma realidade específica – a saber, as dinâmicas que antecedem a invasão da Abissínia pelas tropas italianas e os seus primeiros movimentos, em um conturbado contexto internacional, no qual a Itália fascista é punida com sanções econômicas por parte da Sociedade de Nações – busca-se compreender os processos de construção de um vínculo afetivo-identitário entre as comunidades de imigrantes da zona colonial italiana, no Rio Grande do Sul, e a terra de seus ancestrais, representada pelo Estado Fascista.¹

Palavras-chave: Imigração Italiana; Fascismo; Identidade.

Abstract: In the 1930's two different phenomena involving Italian communities in the world were closely related. On the one hand, it observes a strong fascist policy interested in creating stronger relations with Italy, in her “fascitized” dress. On the other hand, there was a process of social uprising of the Italians immigrants and of their descendants that included a reformulation of the Italian migratory experience, with the construction of an epic narration of the expatriation phenomenon. By examining the specific historical situation – that is, the dynamics that had taken place before the invasion of Abyssinia by the Italian army and the first war movements, in a complicated international context, in which fascist Italy was punished by the

League of Nations with economic sanctions – this paper tries to understand the construction process of a link in terms of emotion and identity between the communities of immigrants in the Italian colonial zone in Rio Grande do Sul and the society of the land of their ancestors, represented by the Fascist State.

Keywords: Italian Immigration; Fascism; Identity.

Quando eclode a guerra ítalo-abissínia, no final de 1935, o fenômeno imigratório de massa para o Rio Grande do Sul é uma experiência que já começa a se perder no tempo. Mesmo que ainda se possa observar a chegada de imigrantes italianos ao longo dos anos 1920 e 1930, esse movimento não se compara minimamente à efetiva ocupação vivida nas últimas décadas do século XIX, particularmente se nos referimos à Zona Colonial Italiana.² No entanto, esse conflito irá marcar grandemente a população da região, ocupando um espaço importante nos jornais locais, os quais destacam ações que envolveram diferentes grupos internamente à comunidade.

O objetivo desse artigo é discutir – a partir dos relatos presentes no *Jornal Staffetta Riograndense* – como vai se construindo essa aproximação entre fascismo e italianidade, considerando as narrativas referentes aos momentos anteriores e imediatos à eclosão do conflito ítalo-abissíneo. Nesse processo, procura-se compreender que elementos estão presentes em uma dinâmica de aproximação entre a comunidade ítalo-brasileira no Rio Grande do Sul e a *madre pátria*. O que levou os imigrantes e seus descendentes a se empenharem pelo financiamento do esforço de guerra italiano e como isso pode nos levar a pensar em uma ideia de identificação com a Itália fascista são questões que se tentará encaminhar ao longo deste artigo. É importante clarificar que não se busca discutir o processo de constituição de organizações vinculadas politicamente ao fascismo italiano e tampouco agrupamentos a ela afiliados: problemática central é a aproximação entre italianidade e fascismo na zona colonial italiana.

Três questões são relevantes para que se possa analisar a manutenção de um vínculo específico com a terra de partida, sobretudo quando se faz referência às segundas e terceiras gerações, ou seja, indivíduos nascidos em solo brasileiro. Em primeiro lugar, os imigrantes que chegaram ao final do século XIX, considerando essa região específica do Rio Grande do Sul,

ocuparam espaços de difícil acesso, permanecendo, pelo menos até o início do século XX (portanto, aproximadamente 25 anos) com pouquíssimo contato com a população local, fechados em relações intra-comunitárias. Um segundo elemento está relacionado à natureza da cidadania italiana, marcada pelo *Jus Sanguinis*, o que não entra em conflito com a cidadania *Jus Solis* brasileira, permitindo – ao menos até o projeto de nacionalização de finais dos anos 1930 – a construção de um pertencimento hifenizado (íto-brasileiro). Por fim, as comemorações dos 50 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, acontecido já em plena ocupação do Estado italiano pelas hostes fascistas, contribuirão para a retomada de um sentimento de italianidade, construindo uma narrativa epopeica dos feitos imigratórios e da operosidade do colono italiano.

No contexto imediatamente anterior aos acontecimentos que redundaram na *avançada* italiana na África Oriental, tem-se – em âmbito regional – um momento de forte releitura do processo de expatriação. Em uma realidade de crescimento econômico importante e de nova concepção dos antigos espaços de imigração, observa-se uma revisitação da dinâmica de deslocamento dos italianos que tinham desembarcado em solo gaúcho no último quartel do século XIX. Agora, a chave de leitura não enfatiza a incapacidade de sobreviver em solo italiano e o ato de emigrar, mas destaca a imagem de um imigrante industrioso que soube bravamente ocupar e tornar produtiva a terra. Nessa nova narrativa, o presente vitorioso é o ponto de partida e o passado de dificuldades é a moldura que oferece uma maior importância a tudo o que foi construído. Também aqui se vê a força da política fascista, na voz de Mussolini, que no álbum comemorativo do cinquentenário da imigração italiana, em 1925, enaltece as qualidades dos imigrantes que haviam construído a grandeza da terra que tinham ocupado (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925).

Nesse momento pode ser percebida uma conjuntura propícia para uma reflexão sobre a experiência imigratória e para um processo de auto-identificação enquanto íto-brasileiro. Ao visitar – a partir de uma leitura positivada do fenômeno imigratório – a trajetória comum da coletividade, alguns traços culturais do grupo passam a ser concebidos como especiais, dando início à elaboração de um quadro articulador que enfatiza uma origem comum e uma organização unificadora das vivências individuais. Na medida em que a epopeia imigratória vai sendo construída, levando o grupo a

perceber-se enquanto parte dessa trama, acontece – na interação entre tradição e reconstrução do passado – o enfeixamento da pluralidade dos indivíduos naquilo que De Vos define como grupo étnico:

um grupo que se percebe como unido por um conjunto de tradições de que os seus vizinhos não compartilham e cujos membros utilizam subjetivamente de maneira simbólica ou emblemática aspectos de sua cultura, de modo a se diferenciar de outros grupos (DE VOS apud POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne, 1998, p. 83).

Na construção desta identidade étnica italiana, ou se poderia dizer ítalo-brasileira – nos anos 1920 e 1930 – a percepção de uma *nova Itália*, marcada pela política expansionista fascista estará muito presente. Se, por um lado, os colonos da serra gaúcha começam a experimentar um crescimento econômico relevante; por outro, a Itália vive um momento ímpar de importância no *concerto das nações*. Nos dois casos, a história do grupo inicia um processo de re-escritura, a partir do momento de grande positividade vivido no presente. As comemorações da italianidade que se seguirão, em torno aos cinquenta anos da imigração italiana, mas também na celebração do *Dia do Colono* e da *Festa da Uva*, darão o tom de louvação ao trabalho árduo do imigrante italiano que fecundou a terra e dela fez brotar a pujança vivida na realidade hodierna.

Para melhor compreender essa concepção de uma identidade vivida em uma dinâmica intra-grupo e – ao mesmo tempo – nacional (com *inputs* provenientes da Itália fascista) é de ajuda a discussão apresentada por Araújo (2003). Segundo o autor, existe uma característica importante que envolve a identidade étnica e que a diferencia da identidade nacional: a sua *desterritorialização*. No entanto, ele ainda destaca em que pese essa diferença em termos de um vínculo territorial, que a etnicidade pode ter como base inicial a identidade nacional. Certamente, pensando no caso dos imigrantes italianos do sul do Brasil, está-se falando de uma representação da nação construída *a posteriori*, e com muito maior força no período fascista.

De qualquer forma, é importante salientar que, diferentemente de quanto afirma Araújo (2003), a ação do Estado na formação de uma identidade nacional italiana só se torna *clara* com o fascismo, pensa-se que aquilo que efetivamente aconteceu – dentro e fora da Península Itálica com o advento de Mussolini – foi um aprofundamento das políticas públicas de

produção de italianidade. Foram inúmeras as enquetes levadas a cabo pelo governo peninsular, desde os primeiros anos da Itália unida, no sentido de compreender a diversidade regional, assim como a ênfase em um processo de escolarização. Da mesma forma, a preocupação com a italianidade foi uma constante desde o *Risorgimento*, quando D'Azeglio dizia: "feita a Itália, façamos os italianos". Inclusive, no exterior, foram implementadas, mesmo que não tenham acontecido de maneira ampla, políticas direcionadas à escolarização em língua italiana, como se pode observar na zona colonial do Rio Grande do Sul (BENEDUZI, 2004). Dessa forma, a ação política do fascismo irá dar uma coloração e uma dimensão diferente às iniciativas de forjamento da italianidade, sobretudo no que concerne aos imigrantes – desde 1926 *italianos no exterior*.

A rigor, pensando nessa ação basilar que a identidade nacional tem nos processos de transformação da etnicidade, a transformação terminológica de *emigrante* para *italiano no exterior* trouxe consigo uma profunda mudança na auto-representação do próprio ítalo-brasileiro. Se, no primeiro termo, percebe-se a ideia de um desenraizamento, *aquele que deixa a terra de nascimento*, o segundo conceito mantém um vínculo de cidadania que acompanha o emigrante em qualquer lugar em que ele venha a se estabelecer. Para além da alteração conceitual, o fascismo irá apostar nessa recuperação do *vínculo pátrio* como uma maneira de se aproximar dessa massa de peninsulares que vivia no exterior. Segundo Trento (2005), vai ser uma maneira de construir uma expansão diferente daquela do imperialismo clássico, impossível para a realidade italiana. Nesse sentido, muitas serão as manifestações organizadas pelo regime que darão destaque a estes italianos residentes fora da fronteira nacional, mencionando-os como parte de uma mesma fraternidade. Emblemático, com relação a esta questão, é o discurso proferido por Mussolini, em 1923, em Milão, e reportado por Angelo Trento: “Dovunque è un italiano, là è il tricolore, là è la patria, là è la difesa del Governo” (TRENTO, 2005, p. 03). A mesma máxima, com outras palavras, será repetida pelos cônsules italianos no Rio Grande do Sul nos diferentes eventos que participarão ao interno da comunidade ítalo-brasileira.

Pode-se dizer que o período fascista trará consigo um grande incremento na construção de uma leitura positiva da Itália enquanto nação e, como consequência, de seus *filhos* dispersos pelo mundo. Considerando que a auto-identificação é construída a partir de características e elementos que enaltecem e engrandecem o indivíduo e a coletividade, a propaganda do

regime durante os anos 1920 e 1930, assim como o resultado da política exterior italiana do período, irão gerar uma conjuntura favorável para produzir um acréscimo à ideia de pertencimento ao grupo italiano. Se até este momento maculavam fortemente a identidade étnica os estereótipos que foram sendo construídos ao longo do processo imigratório e as marcas de um regionalismo arraigado em emigrantes provenientes de uma pátria recém-unificada, agora se observava uma nova força de coesão que agia nas diferentes comunidades ítalo-brasileiras:

O Fascismo conseguirá que o grupo migrante vislumbre uma positividade em ser italiano no Brasil, pois deixavam de ser indivíduos marginalizados aos olhos da sociedade receptora. [...] Estar identificado com a Itália, a partir da década de 20, era estar identificado com uma pátria com status elevado, onde os indivíduos encontram condições favoráveis para desenvolver o sentimento de pertença ao grupo italiano. Ao poucos, o sentimento de ser originário da nação italiana suplantava o sentimento étnico regional. (ARAÚJO, 2003, p. 75)

Certamente, esse processo de transformação não acontece em uma dinâmica casual, mas é parte de um projeto de Mussolini de se aproximar da comunidade ítalo-latino-americana, reacendendo em seu seio o fogo de italianidade e o orgulho de pertencer à nação italiana. Como afirma Mugnaini (2008), entendendo como terminada a era da emigração de massa, no final dos anos 1920, o *Duce* apostava na transformação dos italianos residentes no exterior (entendidos como emigrantes e descendentes) em pontos de força para a consolidação da posição italiana na América Latina, colaborando para o crescimento do prestígio do governo fascista. Dessa forma, foram diversas as iniciativas que se somaram às instituições de caráter social e que tinham por objetivo (re)construir uma perspectiva de *italianidade*. As ações promovidas pelo regime traziam consigo sempre a promoção de uma Itália moderna – de vanguarda – uma potência tecnológica e cultural:

Il ‘raid delle Americhe’ dell’idrovolante di De Pinedo, oltre ad esprimere l’anelito di modernità (quasi futurista) e lo spirito americanista che ne animava lo sforzo, sembrava simbolizzare – anche geograficamente – il riscatto dell’immagine dell’Italia nelle Americhe (in particolare presso gli italo-americani) nei confronti dei vari stereotipi originati dal fenomeno migratorio. (MUGNAINI, 2008, p. 54)

O governo fascista apostava no binômio Itália-fascismo, transformando a questão nacional em uma problemática marcada pelo ideário político e pela ideologia do regime. Para tal fim, as demonstrações da grandiosidade nacional eram muito funcionais e, junto aos voos intercontinentais salientados logo acima, Mussolini irá investir em outros instrumentos de propaganda da *grande nação italiana*. Desde 1924, com a visita da *Nave Itália*, eram associadas tecnologia e cultura como promotores desta potência nacional com relação ao Brasil e ao continente sul-americano. Como cita Araújo (2003) – utilizando uma carta de 24 de maio de 1927, do embaixador brasileiro Oscar de Teffé ao Ministro das Relações Exteriores Octavio Mangabeira – no ano de 1925 é instituído, pelo governo italiano, o Ente Nacional *L'Italica*, o qual objetivava se constituir em um instrumento para a difusão da cultura italiana no exterior. No projeto de propaganda do regime, muitos foram os intelectuais, artistas, representantes que em alguma maneira deram *carne* a essa construção imagética da Itália enquanto expoente máximo da cultura ocidental. Essas imagens mescladas e incrementadas produziam o efeito de orgulho e revigoraram (ou recriaram) a italianidade em meio aos descendentes presentes em solo brasileiro:

A imagem da pátria italiana unificada e caminhando a passos largos em direção à centralidade política e cultural no Ocidente, fórmula que o fascismo repetiu à exaustão, tornar-se-ia, aos poucos, o elemento aglutinador para que, com o passar dos anos, a própria sociedade brasileira e, sem dúvida, os descendentes dos migrantes enxergassem a existência de um grupo coeso ligado à Itália, criando assim algum sentido para a denominação *colônia italiana* (ou comunidade italiana) (ARAÚJO, 2003, p. 170 – grifo do autor).

O respeito e a admiração pela Itália, no Brasil, foi crescendo ao longo dos anos 1920 e 1930, sendo marcados muito fortemente por essa política cultural desenvolvida pelo regime. Nesse sentido, como informa o embaixador Cantalupo, foi fundado, no ano de 1935, o Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, visto como elemento promotor das iniciativas culturais que marcariam as relações entre os dois países e que funcionariam como ponto de força para a manutenção de uma leitura positiva sobre o governo peninsular, no Brasil (CANTALUPO, 1940).

Essa situação de proximidade com relação ao Brasil, que não é fruto unicamente da política fascista, mas, sobretudo, de uma convergência de

interesses entre os dois países com relação à política internacional, foi muito acalentada e cuidada pelo governo de Mussolini. A importância aumentou sobremaneira se pensamos no panorama internacional dos anos 1930 e, especialmente, na crise e na guerra contra a Etiópia sustentada pela Itália. Em uma situação muito adversa para a Península, com a oposição da Grã-Bretanha, o Brasil se tornava um importante parceiro na América Latina, considerando que a Argentina sempre pendeu entre a amizade inglesa e italiana. Além da familiaridade ideológica com o governo Vargas, o país representava, na percepção da diplomacia italiana, um apoio estratégico, considerando a sustentação oferecida pela comunidade de descendentes durante o conflito etiópico, e econômico, pelo peso que tinha nas trocas comerciais peninsulares:

Il Brasile era poi quantitativamente al secondo posto (dopo l'Argentina) nell'interscambio dell'Italia con l'America Latina, ed era il paese dove si trovava uno dei gruppi etnici di origine italiana più numerosi, che durante la guerra d'Etiopia parteggiò a favore dell'Italia tramite 'consensi e offerta di denaro' (MUGNAINI, 2008, p. 131).

De fato, a questão que norteia este artigo envolve justamente essa conjuntura de conflito ítalo-etíópica e a sua percepção por uma comunidades específica de imigrantes italianos, aquela da *serra gaúcha*, que se formou em torno à pequena propriedade e a um espaço que, em um primeiro momento, permitiu uma realidade de *enclousure*. Para esse fim, é importante compreender, em um primeiro momento, como se tinha estruturado o contexto internacional nos momentos imediatamente anteriores à guerra e quando de seu início e, também, como essas imagens foram divulgadas na zona colonial italiana do Rio Grande do Sul.

A questão da Abissínia era uma espécie de *espinho na carne* para a nação italiana, tendo representado a primeira derrota de uma ação militar europeia no continente africano, no século XIX. Desde a derrota de Adua, em 1896, o nacionalismo italiano tinha sofrido um importante golpe, o qual seria ponta de lança para a investida fascista dos anos 1930. Efetivamente, em outubro de 1896, o governo italiano teve que aceitar o Tratado de Addis-Abeba, que não somente reconhecia a independência da Etiópia e fixava as fronteiras territoriais (sem ganho para a Itália), mas, também, estipulava um acordo para a devolução dos soldados italianos feitos prisioneiros, sem

contar que negociações posteriores ainda gravaram a Itália com um ressarcimento pecuniário. Vingar Adua, como elemento simbólico da imagem de potência internacional para o país, seria uma das metas seguidas por Mussolini e se somaria às questões econômicas inerentes ao conflito etiópico. Como afirma Marques (2008), o próprio *Duce* entendia que essa derrota representava uma mácula para a honra e a dignidade italiana, e utilizará a memória como elemento de coesão para obter o consenso da opinião pública nacional e dos grupos itálicos dispersos pelo exterior:

O próprio Mussolini teria declarado, 15 anos depois do conflito, ‘o número de baixas da desastrosa batalha – 10.000 mortos e 72 canhões perdidos – ainda martelava em minha mente’. Espalharam-se notícias de atrocidades cometidas pelas tropas abissínicas contra prisioneiros italianos. Esta “mancha” no orgulho do país perdurará por anos e será amplamente explorada pelo governo fascista em suas aventuras na África Oriental, com largo apoio da opinião pública (MARQUES, 2008, p. 37).

A situação que antecedeu à Guerra da Abissínia mostrou uma alteração importante nas relações italo-britânicas, pois até aquele momento tinha havido sempre uma forte convergência política entre os dois Estados, tanto se pensarmos no conflito do século XIX, antes do qual a Inglaterra – tendo presente à redução do espaço de influência francês – tinha reconhecido a ascendência da Itália sobre a Etiópia, quanto no caso da primeira guerra mundial, quando a Itália se uniu à Inglaterra e à França. Nesse sentido, a oposição inglesa constituiu-se em um elemento novo e era caracterizada pela tentativa de manter a ordem internacional, pois a ação italiana poderia fortalecer uma política expansionista da Alemanha nazista, um problema maior para a Inglaterra.

Para entender essa problemática, é importante ter presente que o contexto internacional estava marcado por uma forte tensão, com situações como a invasão da Manchúria pelo Japão, que contribuiu para a criação de uma instabilidade política. Dessa forma, a ação militar italiana – contra um Estado independente e que participava da Sociedade das Nações (SdN), organismo internacional fortemente apoiado pela Inglaterra – não era desejada pelos ingleses. O que estava em jogo, também, era a legitimidade da política da SdN e a sua capacidade de manter uma política de entendimento e cooperação entre os diferentes Estados Nacionais.

Mesmo sendo uma guerra que terá como pano de fundo a África Oriental, na verdade, o conflito internacional marcou muito mais um jogo de forças entre a Inglaterra e a Itália; as diferentes nações – inclusive aquelas hispano-americanas e o Brasil – levaram muito mais em consideração a tensão entre os dois Estados europeus, não considerando, em suas decisões diplomáticas, a Etiópia. No entanto, e por isso vemos uma série de tentativas franco-britânicas, entre os anos de 1934 e 1935, de conciliação, a concepção política etnocêntrica europeia não queria transformar um problema colonial em uma questão destabilizadora da política europeia.

A política de apaziguamento britânica, entretanto, acabou sendo alterada, também, pelo peso da opinião pública internacional e o governo optou então por uma ação mais firme, apoiando a aplicação de sanções econômicas contra a Itália e iniciando o *braço-de-ferro*. Os jogos diplomáticos serão muito intensos ao longo do ano de 1935, mas toda a ação favorável à Etiópia era divulgada pelo fascismo como um ato intencionado de frear o crescimento nacional do país. Em um discurso altamente nacionalista, o *Duce* enfatizava que a nação iria superar todas as adversidades e com o esforço do povo italiano iria conquistar as terras etíopes. Fato está que em 3 de outubro de 1935 teve início, sob o comando de Benito Mussolini, a ação militar italiana na Etiópia e, no dia 7 do mesmo mês, a Itália foi declarada, pela SdN, *Estado agressor da nação africana*, sendo a ela aplicada, a partir de 18 de novembro, uma série de sanções econômicas votadas por um comitê interno da Sociedade, no dia 9 de outubro.

Dessa forma, em outubro de 1935, tem-se construída a conjuntura internacional que servirá de pano de fundo para um fortalecimento da política fascista nas comunidades de imigração italiana e para a elaboração de uma relação afetivo-identitária com uma *Itália pátria ancestral*. A funcionalidade dessa política estava marcada por dois elementos principais: a continuidade do apoio das nações latino-americanas e sua não-participação nas sanções internacionais, e a ajuda econômica direta ao esforço de guerra italiano.

Na zona colonial italiana do Rio Grande do Sul, a transmissão dessa voz italiana, naquele momento marcada pelo ideário fascista, estará a cargo do jornal *Staffetta Riograndense*, órgão de comunicação da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Esse veículo de comunicação terá grande importância na difusão da imagem de uma grande Itália fascista, considerando o teor dos artigos publicados e a ênfase dada ao conflito,

sempre a partir de uma leitura favorável ao Estado italiano. Além disso, deve-se mencionar que o mesmo tinha um notável peso na região, pois representava a fala unificada da Igreja Católica para os agricultores ítalo-brasileiros, desde que, em 1927, tinha adquirido o jornal *Il Corriere d'Italia*, de propriedade dos Missionários de São Carlos:

Fortalecido pela união, incorporava os ideais e os assinantes do semanário carlista, pois, aos seus 5.000 abonados, uniam-se mais 3.000 do *Il Corriere*, compondo um total de 8.000 assinantes distribuídos entre as principais cidades locais. Unificada, a imprensa católica entra na década de 1930 revigorada e ocupando um lugar de destaque em meio à sociedade colonial [...] a causa que estará mais empenhada em defender, será o fascismo (VALDUGA, 2008, p. 176).

À parte a quantidade de assinantes e a sua importância enquanto instrumento de representação do catolicismo, já muito estudada e discutida na historiografia da imigração, no que se refere ao jornal dos capuchinhos (BENEDUZI, 2008), três outros elementos corroboram para a compreensão do papel ocupado por esse meio de comunicação no espaço colonial italiano. Ele terá muita relevância por promover um diálogo com os agricultores, por criar um espaço de comunicação com parentes e amigos próximos e distantes e por utilizar a língua italiana e/ou o *keyné* dialetal vêneto-lombardo como meio de expressão.

Em primeiro lugar, destaca-se um dos objetivos centrais que norteiam o periódico desde o seu nascimento: servir de meio difusor de novas estratégias para as lides do campo. Podiam ser encontrados, em diferentes seções da gazeta, matérias que informavam sobre os problemas que os agricultores (colonos) estavam enfrentando, ou que poderiam vir a enfrentar, reportando possíveis novidades para a qualificação da produção. Certamente, em uma comunidade marcadamente rural, esse tipo de serviço era muito desejado e era nítida a utilidade do jornal enquanto meio de esclarecimento, fazendo com que fosse considerado uma voz próxima à comunidade.

Sua difusão, que era feita, sobretudo, por intermédio dos próprios freis capuchinhos, mas, também, a partir de representantes leigos, os quais eram membros de estima nas diferentes comunidades, era impulsionada pelas notícias reportadas na seção *Corriere dello stato* ou *Nostre Corrispondenze*. Nessa parte do jornal, informava-se acerca de tudo o que estava acontecendo no

estado, porém, com uma atenção especial às cidades de imigração italiana. Na verdade, as notícias – assim como a composição do grupo de assinantes – extrapolava a realidade do Rio Grande do Sul, seguindo a trilha dos processos de re-imigração interna, em direção ao oeste dos estados de Santa Catarina e do Paraná. O espaço para as correspondências não era utilizado apenas para noticiar as festas locais e os acontecimentos comunitários, mas era muito empregado para a notificação de óbitos e doenças. Dessa forma, o jornal funcionava como um meio de comunicação entre familiares e amigos que tinham vivido a dispersão das dinâmicas migratórias internas que envolveram os grupos étnicos da região da serra gaúcha.

O terceiro elemento que colabora na compreensão de sua relevância no contexto da imigração italiana na serra gaúcha é o aspecto linguístico, ou seja, o fato de utilizar como língua de comunicação o italiano e, em alguns momentos, o *koyné* dialetal que se construiu na zona colonial do Rio Grande do Sul. Sem dúvida, essa característica traz consigo dois elementos fortes: a penetração mais ágil, considerando uma maior capacidade dialógica, em um contexto sociolinguístico marcado pelo falar italiano ou dialetal e o sinal de permanência da língua, que se constitui em instrumento relevante para a compreensão da identidade étnica. Como afirma Seyferth (2009), mesmo em aspectos fragmentários, a língua funciona como elemento de coesão do grupo étnico e cria a percepção dos indivíduos que o compõem.

De Fáveri (2005), discutindo os processos de silenciamento provocados pela política de nacionalização, em Santa Catarina, no final da década de 1930 e no período de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, retoma – a partir de Jacob Mey – a fala bíblica “Tua fala te denuncia” (DE FÁVERI, 2005, p. 114). Na medida em que a maneira de falar, composta por sotaque, sintaxe, léxico se transforma em um elemento que denuncia o estrangeiro, ao mesmo tempo, coloca-se como questão-chave para pensar, também, o pertencimento a um grupo determinado. Nesse sentido, a língua participa de uma dinâmica de identidade e alteridade, inclusão e exclusão, criando as fronteiras daquilo que se entende como *nossa coletividade*. Com isso, pode-se dizer que o jornal tinha bem claro quais eram as suas fronteiras étnicas, mesmo que ao longo dos anos 30 se possa perceber um aumento na quantidade de informações veiculadas em língua portuguesa. Nota-se, todavia, que as notícias relacionadas com a guerra ítalo-etíópica eram dadas todas em língua italiana, o que mais uma vez demonstra qual público deveria ser tocado, esclarecido e impulsionado com tais informações.

Considerando as questões colocadas acima, que procuram explicar a autoridade da fala e a inserção que o jornal tinha no meio colonial italiano, pode-se então perceber o impacto que as notícias sobre a guerra, que aludiam a uma contraposição imagética entre uma Itália representada enquanto sinônimo de civilização e uma Etiópia que significava barbárie, tiveram na região. Para construir uma identificação positiva para com a Itália fascista e mussoliniana, o *Staffetta Riograndense* vai jogar com três elementos de força: a imagem do povo etíope como representação do *incivilizado*, a figura do *Duce* como grande *condottiere* e a força do povo italiano para superar as dificuldades. Como vamos perceber mais adiante, essa propaganda levada adiante pelo jornal produziu frutos e, em 1936, começa-se a acompanhar as ações dos diferentes comitês *Pró-Itália* que recolhiam objetos de ouro e prata para colaborar com a resistência da Itália às imposições inglesas.³

No mês de agosto, no calor dos debates internacionais sobre a questão etiópica e apenas dois meses antes do início das operações do exército italiano, o jornal começa a apresentar uma série de matérias sobre a Abissínia. Em uma leitura eurocêntrica e direcionada a mostrar os elementos negativos, arcaicos e bárbaros da população daquele país da África Oriental, o leitor vai sendo informado sobre os aspectos geográficos, culturais e históricos da nação africana. No dia 7 de agosto de 1935, o *Staffetta* denuncia o caráter *pré-histórico* dos habitantes da Abissínia, os quais se constituem em um contraponto com relação à sociedade moderna, visto que essa é marcada pelo movimento, enquanto aqueles não se movem do seu *habitat*:

Negli altipiani più elevati vivono gli aborigeni, i veri etiopi, “i puri”. Essi vegetano nella più crassa ignoranza dei loro luoghi, senza mai muoversi, sicché la mancanza di contatto con gli abitanti di altre regioni li trasforma in quasi bruti, senza istruzione, senza buoni sentimenti. Tutto questo è conseguenza del regime feudale sul quale è basata l’Abissinia. Nemmeno nella vecchia Europa questo regime si dimostrò così rigoroso come in questo preistorico paese africano. Avendo le sue basi in un’orribile schiavitù, il feudalismo etiope dispone di un potere mai uguagliato (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 31, 07 de agosto de 1935).

Não existe uma preocupação com a discussão dos conceitos apresentados pelo jornal, na medida em que *feudalismo*, *país pré-histórico* e *escravidão* são informados como elementos de uma mesma realidade. O que

efetivamente faz parte da trama da matéria veiculada pelo jornal dos capuchinhos é a construção de uma imagem etíope marcada por um conjunto de símbolos que a negativizem, em consonância com a percepção dominante nos ambientes ocidentais, europeizados, de uma África incapaz de se autogovernar: a representação muito se assemelha com aquela produzida pela personagem *Tintim* de Hergé, em sua viagem à África.⁴ Certamente o ponto de referência é uma zona colonial que busca a modernidade, que ancora sua identidade no trabalho industrioso, na pujança. Com isso, a Abissínia é dada a conhecer aos colonos como exato oposto daquilo que se quer construir como representação da italianidade local; justifica-se, assim, não somente a ação civilizatória do fascismo, mas, também, a ação defensiva com relação aos colonos italianos presentes na Eritreia.

Além do obscurantismo e das atrocidades relatadas, o jornal reforça sua crítica demonstrando uma incapacidade de produção de uma mudança a partir do próprio país, pois o rei não permite nenhuma abertura democrática e governa com mão de ferro. Dessa forma, os etíopes são refratários ao progresso, porque o grupo dirigente não aceita a possibilidade de ter contestado o seu domínio absoluto:

Nemici irriducili del progresso – La più piccola iniziativa di progresso che minacciasse di infrangere il dominio feudale è subito posta di lato, giacché tale regime non tollera la minima aggressione. Il re dei Re si considera tanto superiore, tanto al disopra della massa, che immediatamente annulla qualsiasi possibilità di democratizzazione (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 31, 07 de agosto de 1935).

Na edição de 28 de agosto de 1935 – tratando da fertilidade do solo etíope – o *Staffetta Riograndense* associa a pouca produtividade à incapacidade do povo e do regente. Ressaltando a grande fecundidade do solo, que poderia alimentar milhares de colonos, e a quantidade ingente de minérios, afirma-se que tudo acaba sendo desperdiçado, porque o povo não trabalha corretamente e, também, porque o governo gasta os impostos no enriquecimento pessoal e não na construção de infraestrutura para o desenvolvimento do país:

Oggi l'Abissinia non può avere esportazione, perché non vi sono strade. Vi è tutto da fare. Le imposte che il Governo riscuote, servono unicamente a riempire il tesoro del Negus, il

quale non fa niente per il suo popolo e lo mantiene in uno stato di barbarie (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 34, 28 de agosto de 1935).

No entanto, os artigos não se limitam somente às questões socioeconômicas ou políticas, mas adentram em elementos que refletem uma crítica à forma como a religião é vivida na Abissínia. Através de uma linguagem irônica e mordaz, é denunciado o caráter farisaico da religiosidade etíope, onde a vivência da *sã religião* se resume aos aspectos exteriores dos preceitos, sendo desnecessária a preocupação com a correção moral. Ao mesmo tempo, o jornal demonstra sua proximidade com o ponto de vista italiano em sua não aceitação da paridade do país africano nos fóruns internacionais:

Bagnarsi in qualche luogo sacro, recitare il salterio, mantenere un clero cupido ed ignorante, digiunare circa duecento giorni all'anno, ecco come l'abissino crede di salvarsi. Assassinio, furto, menzogna, falso testimonio, poligamia, concubinaggio, divorzio non contano quali peccati; si è digiunato e ciò basta. E questo civilissimo paese siede a Ginevra nell'Assemblea della Lega delle Nazioni! Pio XI, riferendosi al collegio Etiopico esistente nella Città Vaticano. Disse scherzando: "È un po' nero sul bianco". Ma a Ginevra troppo spesso si potrebbe dire che la distinzione tra nero e bianco non esiste più. Ecco perché l'Abissinia è al suo posto (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 31, 07 de agosto de 1935).

É nesse contexto negativo que o governo fascista é chamado a agir e, também, é obrigado a fazê-lo, para *civilizar* esse estado *pré-histórico*, levando a luz da modernidade e da *sã religião*, e para defender as populações italianas que com ele mantém suas fronteiras. Para colaborar com a construção da imagem de uma Itália que se apresenta como representação da magnanimidade e da civilização, em confronto com uma Etiópia sinônimo de arcaísmo e elemento funcional aos interesses britânicos, o jornal se utiliza da autoridade da fala do *Duce*. Essa importância do pensamento do grande líder não é fruto deste momento histórico, mas vem sendo construída desde os anos 1920, quando o *Staffetta Riograndese* começou a trabalhar na estruturação desse personagem impactante – Benito Mussolini – grande estadista italiano e construtor por excelência da potência italiana e da *Nova Itália*.

Ao reportar declarações de Mussolini à imprensa internacional, classificadas como *firmíssimas* pelo jornal, o periódico procura dar destaque à imagem de uma Itália não conquistadora, mas empenhada na defesa de seus cidadãos e de uma correta política internacional, fundada no respeito ao direito. Na verdade, o governo italiano levanta-se em prol de uma nobre causa, cuidar de seu povo, que se encontra diante do risco de sofrer as ações violentas da parte de um governo *não-democrático e não-civilizado*:

Egli rileva prima di tutto che l'Italia, al contrario di ciò che si propala all'estero, non muove, né muoverà una guerra di conquista all'Abissinia.

Il capo del governo italiano dice testualmente:

Conosciamo già il piano che certe agenzie di informazione straniere muovono contro l'Italia, cercando di collocarla in situazione antipatica di fronte al mondo. Ci dipingono all'estero come volgari conquistatori di un popolo debole, tentando di far apparire la nazione italiana come nemica della pace e del diritto delle genti. Questa campagna non avrà valore. Quando il mondo potrà comprendere il vero senso dell'azione del governo fascista, sentirà che l'Italia non potrebbe agire in modo diverso. Non imponiamo la guerra. Difendiamo solo la vita degli italiani dell'Africa, che sono, continuamente alla mercé dei dispotismi del feudalesimo che non obbedisce ad alcun controllo (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 31, 07 de agosto de 1935).

Na realidade, a fala de Mussolini não pode ser vista individualmente, mas se deve prestar atenção na forma dialógica da apresentação. A necessidade da intervenção defensiva italiana, o jornal jamais a divulga como de ataque, é construída em contraposição à posição incivilizada do país africano. A entrevista concedida pelo *Duce* à imprensa internacional é apresentada ao público no mesmo número e logo depois da matéria sobre o obscurantismo político e religioso da Abissínia; portanto, as palavras de Benito Mussolini ecoam como uma confirmação da imagem negativa da Etiópia e, ao mesmo tempo, a possível ação militar italiana é justificada por essa representação.

O texto vai além, e apresenta uma Itália preocupada não somente consigo mesma, mas com a construção de uma maior dignidade também para a população local, uma estabilidade que possa permitir o progresso. Mesmo tendo capacidade de reprimir duramente a ação que os aborígenes têm levado

adiante contra os cidadãos italianos na Eritreia – e o jornal é pródigo em demonstrar a velocidade como o exercido peninsular, com engenho e tecnologia, se militariza – o regime tem agido sem buscar de modo algum a vingança:

L'Italia vuole solo istituire nell'Africa una situazione di tranquillità stabile con garanzia dei diritti di tutti i bianche e neri. Siamo attaccati quasi tutti i giorni dagli indigeni ed intanto che facciamo? Cercò forse qualche volta l'esercito coloniale di prendere la rivincita? No, intanto ci sarebbe facile applicare una lezione energica e definitiva alle tribù abissine (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 31, 07 de agosto de 1935).

O *Staffetta Riograndense*, colocando-se frontalmente a favor da ação fascista na África Oriental, apresenta fragmentos de uma entrevista de Mussolini à *United Press*, que inverte a relação entre agressor e agredido. Ressaltando a difusão da entrevista, publicada simultaneamente em aproximadamente 1.200 jornais, em 42 países diferentes e em 17 idiomas, resume a centralidade das declarações do *Duce*. Na narrativa, a Itália não é absolutamente – mesmo que inicie uma campanha militar – a nação agressora e conquistadora que a imprensa pró-britânica quer construir, pois é a Etiópia que constantemente e há muitos anos tem desrespeitado os acordos internacionais e atacado indiretamente a Itália:

Egli ha incominciato col ricordare che l'Abissinia da quarant'anni a questa parte si è dimostrata sempre ostilissima all'Italia. Nonostante i trattati e le prove di amicizia datele dall'Italia, l'Abissinia ha continuato ad attaccare le colonie italiane dell'Africa. In queste condizioni l'Italia si è vista costretta a prendere misure di precauzione (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 35, 04 de setembro de 1935).

Como resposta a essa possibilidade da ação defensiva de uma Itália magnânima, que se coloca contra uma nação arcaica e belicosa, defendendo, também, o interesse nacional diante de uma grande potência colonizadora, a Inglaterra, o jornal mostra uma série de manifestações favoráveis de italianos em âmbito nacional e internacional. Nesse sentido, um dos elementos fortemente destacados é o desejo das populações italianas, mesmo fora da

Itália, de participar do conflito, na qualidade de voluntários, oferecendo ajuda material ou benefícios para aqueles que querem lutar ao lado da Itália. Muitos são os jovens que tentam embarcar escondidos para participar das operações militares, ainda não beligerantes, no chifre da África.

Em setembro de 1935, portanto aproximadamente um mês antes do início do conflito, o *Staffetta* relata a passagem triunfal dos filhos de Mussolini, que se dirigem para a África Oriental, experimentando uma forte manifestação de apoio da comunidade italiana no Egito. Além disso, o jornal reporta o entusiasmo vivido em solo italiano e a imponência da força militar que começa a se mobilizar na direção da zona de tensão:

Intanto continua l'invio imponente di soldati armi e munizioni in Africa. L'entusiasmo della popolazione è intenso. È straordinario il numero di coloro che si offrono volontari. Indice di questo entusiasmo è la dimostrazione che è stata fatta ai figli di Mussolini, Benito e Vittorio al loro passaggio a Porto Said, diretti in Africa come volontari. Tutta la colonia italiana dell'Egitto con treni ed aiuti si è riservata a Porto Said per salutare i due giovani (STAFFETTA RIOGRANDENSE, ano XXVI, n. 35, 04 de setembro de 1935).

De qualquer forma, o apoio também ecoava em solo latino-americano, com manifestações anti-britânicas e de apreço à Itália tanto na coletividade ítalo-argentina quanto naquela ítalo-brasileira. Muitos são os jovens que procuram as representações diplomáticas, no Brasil, para se engajarem nas tropas fascistas, segundo o jornal, anunciando, inclusive, a partida proximamente de um grupo. Destaca, ainda, o entusiasmo de alguns dos mais conhecidos jogadores de futebol argentinos que já partiram na direção da zona de conflito:

Il Console italiano di S. Paulo e quello di Rio hanno affermato ai giornali che sono già numerosi, (diverse migliaia) gli italiani e brasiliani che si sono offerti di partire volontari per l'Africa. Un gruppo di essi partirà prossimamente coll'*Augustus*. Si annuncia intanto che i più celebri giocatori di Foot ball argentini si sono già ingaggiati e sono già partiti per l'Africa (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVI, n. 38, 25 de setembro de 1935).

Agora já nos encontramos quase nas vésperas do início do conflito armado e a propaganda se torna sempre mais contundente, tentando mostrar como diversas forças de peso na sociedade ítalo-brasileira estão se manifestando em favor das reivindicações da Itália. Isso pode ser percebido através das ofertas de benefícios de nomes emblemáticos no seio da italianidade, como era o conde Matarazzo nos anos 1930. Esse rico industrial, marcadamente fascista, oferece não somente o fornecimento de produtos de suas empresas à Itália, mas, também, a garantia de emprego para aqueles operários que quisessem se arrolar como voluntários para participar do esforço de guerra:

Il Conte Matarazzo ha telegrafato al Ministro Parini offrendo i prodotti della sua fabbrica all'Italia e assicurando che manterrà nel loro impiego quelli dei suoi operai che decideranno partire volontari per l'Africa (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVI, n. 38, 25 de setembro de 1935).

Já com o conflito em andamento, no dia 9 de outubro de 1935, o *Staffetta* publica partes de um discurso de Mussolini, proclamado do altar da pátria – *Palazzo Venezia* – no qual o *Duce* conclama os italianos à vitória. Soma-se às manifestações de diferentes grupos em nível internacional, as quais o jornal vinha apresentando e ressaltando ao longo dos meses de agosto e setembro, essa chamada com alta construção retórica, feita pelo grande *condottiere*. Confirmando a associação entre fascismo e italianidade, o líder fascista conclama todos os italianos do mundo a participar deste momento histórico na trajetória da pátria:

Camice Nere della Rivoluzione! Uomini e donne di tutta l'Italia! Bravi italiani che vivete tra le montagne e tra gli Oceani! L'ora solenne sta per suonare nella storia della patria. Venti milioni d'italiani sono in questo momento concentrati in tutta l'Italia. È questa la più gigantesca dimostrazione registratasi nella storia dell'umanità. Venti milioni di uomini tutto cuore, tutto desiderio, tutto determinazione. Questa manifestazione dimostra che l'identità tra l'Italia ed il Fascismo è perfetta, assoluta, inalterabile (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVI, n. 40, 09 de outubro de 1935).

Logo após o início do conflito, a partir do mês de novembro, começam a ser aplicadas as sanções internacionais promovidas pela

Inglaterra, e o jornal publica diferentes iniciativas, em âmbito latino-americano, de repúdio ao imperialismo inglês, que não aceita a ascensão da jovem nação italiana. Esse vai ser o tom da carta divulgada pelo jornal, redigida pelo *Sub-comitê Pró-Itália*, de Caxias do Sul, que ressalta este momento histórico de potência nacional e a ação injuriosa da pérfida Inglaterra, nação sanguinária, que com intriga quer bloquear a expansão de uma jovem nação católica e não quer permitir que essa levante a cabeça:

L'Inghilterra, su cui grava la macchina di un orrendo spergiuo, l'onta indelebile di aver soffocato nel sangue e la vita di numerosi martiri, e la libertà dell'invitta Irlanda, degli eroici Boeri; l'Inghilterra, accaparratasi tutte le fonti delle materie prime, dominando il mondo, con le sue finanze e coi suoi intrighi, non può consentire che l'Italia, giovane nazione cattolica, onusta di gloria, piena d'ardore, disciplinata ed eroica possa alzare il capo. Perciò tenta di soffocarla. È, per raggiungere l'infame suo scopo si è ignobilmente abbassata a sollecitare il concorso del comunismo, cioè, del nemico giurato della civiltà cristiana, della pace delle nazioni, della tranquillità delle famiglie (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVII, n. 01, 01 de janeiro de 1936).

A carta aberta publicada pelo sub-comitê caxiense parecia ser construída especificamente para o público do jornal, pois enfatizava exatamente os quesitos principais da luta histórica do *Staffetta*. Com o contraste entre uma Inglaterra desleal e maculada pela heresia protestante, na década de 1920, o jornal publicou uma série de reportagens sobre o maléfico protestantismo, em todas as suas matizes, e uma Itália ardorosa e heróica nação católica, os fiéis convocados a participar dessa *crusada santa*. Contudo, o inimigo inglês teria sido ainda mais desprezível, pois teria buscado o apoio do maior adversário da Igreja, o comunismo: dissolução da moral e dos costumes, era o que essa união trazia consigo.

Essa missiva é circundada por outras reportagens que expressam o apoio das autoridades eclesiásticas à ação militar italiana e o seu desprezo pelas sanções patrocinadas pela Grã-Bretanha. São incluídas ainda informações sobre os diversos sub-comitês que foram instituídos por todo o estado do Rio Grande do Sul e, também, em Santa Catarina. Pode-se perceber que o jornal assumiu um papel de ponta de lança nessa batalha pela coleta de ouro e prata para sustentar o esforço de guerra italiano e a sua vitória sobre a pressão injusta da pátria do anglicanismo.

Como consequência das inúmeras solicitações, começa-se a observar uma crescente participação de italianos e descendentes na oferta de alianças nupciais e objetos de metal. Em diferentes edições são ressaltados, com nome e sobrenome os doadores de todo o estado, com uma ênfase especial ao relato do movimento entusiasmado da população e a concorrência dos municípios para fazer as suas doações. O relato do comitê de Garibaldi informa justamente essa efervescência e essa vontade de colaborar de algum modo para o triunfo da Itália, mesmo aqueles que não possuem objetos de valor, entregam o fruto do seu trabalho, aquilo que a terra produziu:

Questo travolgente entusiasmo è pure vivissimo nel nostro Stato, ci dicevamo i membri della Commissione e a Porto Alegre, Bagé, Pelotas, Caxias, Bento Gonçalves, ecc è stato uno spettacolo importante. Tutti, spontaneamente, si presentano per consegnare la loro offerta. I coloni che, non hanno né oro, né argento da offrire, fanno generi, ma tutti vogliono dare per contribuire allo schiacciante trionfo dell'Italia (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVII, n. 05, 29 de janeiro de 1936).

Nas semanas seguintes, começam a ser publicadas as listas com os doadores e as suas respectivas ofertas, como no caso italiano – onde a aliança nupcial se constituiu no objeto por excelência da colaboração com a pátria – observa-se, na imensa maioria dos casos, a entrega do anel de casamento. Brincos, medalhas, anéis, diferentes jóias acabam sendo entregues aos comitês para que a jovem Itália possa superar esse momento difícil, para que a Nova pátria fascista possa vencer os interesses ingleses, mas um sinal indelével da união da coletividade em torno à nação italiana se faz presente na aliança matrimonial:

Hanno fatto dono delle FEDE NUZIALE i sottoelencati:
Ambrogio Toniazzi 1 Fede diversi oggetti d'oro. Ida Toniazzi 1 fede. Augusto Toniazzi 1 fede. Elisa Toniazzi Baldi 1 fede. Luigi Toniazzi 1 fede una medaglia d'oro. Giulio Motti 1 fede, Italia Motti 1 fede. Giovanni Pezzoli 1 fede. Maria Cenfra 1 fede. Giorgio Missaglia 1 fede. Regina Peterlongo 1 fede. Antonio Comunello e Signora 2 fedi. Attilio Ungaretti e Signora 2 fedi. Cesare Girondi 1 fede. Luigi Lorenzi 1 fede. Domenico Tempesta 1 fede. Giuseppe Zoppas 1 fede. Ortensia Canini 1 fede. Luigi Valmorbida 1 fede due medaglie d'oro. Eugenio Simonetto 1 fede. Rosina Truccolo 1 fede.

Esterina Polita 1 fede. Anna Speth Targa 1 fede. Tranquillo Mira e Sra Palmira 2 fedi. Luigi Corbellini e Signora Giovannina Toigo 2 fedi. Andrea Mottin e Sra Maria 1 fede un anello d'oro. Ruggero Casacurta e Sra Angela 2 fedi. Giulia Buraccaro 1 fede. Vittorino Sgarìa 1 fede. Maria Doglia 1 fede. Agata Brugalli 1 fede. Celeste Ponsoni 1 fede. Regina Giorda 1 fede 2 orecchini 3 milreis. Clorinda Cislighi 1 fede. Umberto Franciosi 1 fede. Agnesina Bompard 1 fede (STAFFETTA RIOGRANDENSE, Ano XXVII, n. 07, 12 de fevereiro de 1936).

Em diferentes números do jornal serão apresentadas as listas com os nomes dos italianos e ítalo-brasileiros que estavam colaborando com a Itália fascista e com o *Duce*, entregando suas alianças, suas jóias, seu dinheiro e seus produtos agrícolas para que o país pudesse vencer esse esforço de resistência às sanções inglesas. O anel de casamento é o objeto mais emblemático neste circuito de doações, pois – considerando a força do catolicismo – tem um valor simbólico muito grande de unidade entre os cônjuges e destes com a Igreja. De certa forma, em resposta aos apelos propagados pelo jornal católico, oferecer a aliança – assim como estavam fazendo os italianos peninsulares – é reforçar um laço matrimonial com a pátria e com o regime que – naquele momento, como anunciava Mussolini em seu discurso no *Palazzo Venezia* – representava a italianidade.

Em um momento de grande comemoração da positividade étnica, fundada também na potência da nação italiana, esta comunhão entre a colônia italiana e a *pátria mãe* deveria ser reforçada e retroalimentada. Mesmo que o *fascio* não tenha ocupado um lugar proeminente na comunidade, se pensarmos em dados quantitativos, as pessoas a ele vinculadas tinham um forte peso econômico e social, e conseguiram contribuir também para esta política fascista de associar o regime à identidade nacional. Os imigrantes, no momento da doação, acabavam se sentindo parte de uma realidade maior, participavam da resistência italiana, colaboravam com a campanha difundida pelo jornal católico, assumiam sua identidade múltipla de católicos e de italianos, ou ítalo-brasileiros.

Referências

- ARAÚJO, José Renato. *Migna Terra*. Migrantes italianos e fascismo na cidade de São Paulo (1922/1935). Campinas: Unicamp, 2003 (Tese de Doutorado).
- BERTONHA, João Fabio. *Sob o signo do Fascio*: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943. Campinas: UNICAMP, 1998. (Tese de Doutorado)
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração italiana e catolicismo*: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Mal di paese*: as reelaborações de um Veneto imaginário na ex-colônia de Conde d'Eu (1884-1925). Porto Alegre: UFRGS, 2004 (Tese de Doutorado).
- CANTALUPO, R. *Brasile euro-americano*. Milão: ISPI, 1940.
- CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. *La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia.; Livraria do Globo, 1925.
- DE FÁVERI, Marlene. *Memórias de uma (outra) guerra*: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.
- GIRON, Loraine Slomp. *As Sombas do Littorio*. O Fascismo na Regiao Colonial Italiana no Rio Grande do Sul. Campinas: UNICAMP, 1989. (Tese de Doutorado).
- MARQUES, Alexandre Kohlrausch. “A questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: PPGHistória/UFRS, 2008. (Dissertação de Mestrado)
- MUGNAINI, Marco. *L'America Latina e Mussolini. Brasile e Argentina nella politica estera dell'Italia* (1919-1943). Milão: Franco Angeli, 2008.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias de etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. Memória Coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil. *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro, 2009. (http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/15_6_2009_19_30_50.pdf). Acesso em 1 de junho de 2011.

TRENTO, Angelo. Dovunque è un italiano, là è il tricolore. La penetrazione del fascismo tra gli immigrati in Brasile. In: SCARZANELLA, Eugenia (org.). *Fascisti in Sud America*. Florença: Le lettere, 2005.

VALDUGA, Gustavo. *Paç, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense: 1930-1945*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 04 de abril de 2011 e aprovado para publicação em 26 de abril de 2011.

¹ Este artigo é parte dos resultados de pesquisa do projeto de pesquisa “Um outro colonialismo: épicas e anti-épicas imigratórias italianas no Brasil do período Fascista”, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

² Entende-se como Zona Colonial Italiana, pensando no Rio Grande do Sul, a região que – no final do século XIX – fazia parte das três colônias imperiais: Conde d’Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres. Atualmente, essa região é composta por diferentes comunidades de imigração italiana que circundam os municípios de Garibaldi, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, para citar alguns.

³ Essa referência pode ser encontrada na seção “Nostre Corrispondenze – Garibaldi – Pro Italia”, no jornal *Staffetta Riograndense*, ano XXVII, n. 5, 29 de janeiro de 1936.

⁴ A história “Tintin au Congo” é publicada no ano de 1931, portanto, período muito próximo às matérias publicadas pelo jornal dos capuchinhos. Deve-se informar, ainda, que também as histórias em quadrinhos de Tintin foram impressas em um jornal católico belga *Le vingtième siècle*, em seu suplemento semanal *Le petit Vingtième*.